

## Economias solidárias: por uma abordagem polissêmica dos seus sentidos e valores

Solidarity economy: toward a polysemic approach of its meanings and values

**Por Ivan Penteado Dourado**

Licenciado em Ciências Sociais (UFRGS)

Mestrando em Antropologia (PUC-RS)

Bolsista CNPq

ivan.dourado@acad.pucrs.br

### Resumo:

A economia solidária constitui realidades geradoras de temas e discussões que pautam diversos projetos e ações no contexto brasileiro. Existem diferentes definições e sentidos que caracterizam essas novas práticas de geração de trabalho e renda, comumente chamados de “economia solidária”. O presente estudo objetiva captar nos estudos acadêmicos e nas realidades cooperativas como são construídos os sentidos para a noção “economia solidária”. Realizamos o mapeamento das principais obras de dois importantes autores conceituais sobre o tema e uma pesquisa etnográfica realizada em duas cooperativas, que possuem diferentes vinculações com “economia solidária”. Desta forma, buscamos uma abordagem que permita uma problematização empírica para esta noção.

### Palavras-chave:

Economia solidária. Valores. Ideologia.

### Abstract:

The solidarity economy builds generating realities of topics and discussions that guide different projects and actions implemented in the Brazilian context. There are different definitions and meanings that characterize these new practices of generating employment and income, generally named as “solidarity economy”. This study aims to understand how the meanings to the notion of “solidarity economy” are built in academic studies and cooperative realities. We mapped the major works of two important conceptual authors on the subject and we did an ethnographic study in two cooperatives which have different bindings to “solidarity economy”. Thus, we seek for an approach that allows an empirical problematization for this notion.

### Keywords:

Solidarity economy. Values. Ideology.

### Introdução

Segundo os principais autores engajados na construção conceitual de “economia solidária”,<sup>1</sup> o reconhecimento da sua existência como fenômeno social é recente no Brasil. Os empreendimentos alternativos ganharam força somente a partir dos

anos de 1990,<sup>2</sup> em consequência do agravamento do desemprego, resultante da abertura do mercado interno às exportações.

Não existe consenso sobre o seu significado, o conceito “economia solidária” surge no Brasil apenas em 1996, sendo utilizado pela primeira vez por Paul Singer,<sup>3</sup> no intuito de identificar os empreendimentos autogeridos, democráticos e

<sup>1</sup> SINGER, Paul. *Introdução à economia solidária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2002; GAIGER, L. Empreendimentos econômicos solidários. In: CATTANI, A. (Org.). *La outra economia*. Buenos Aires: Altamira, 2004. p. 229-241; FRANÇA FILHO, G. C. de; LAVILLE, Jean-Louis. *A economia solidária: uma abordagem internacional*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

<sup>2</sup> Antes do surgimento do conceito da Economia Solidária em 1996, esses empreendimentos eram considerados pertencentes à economia informal.

<sup>3</sup> Atualmente, Singer é o responsável pela Secretaria Nacional de Economia Solidária.

solidários diferenciando-os dos empreendimentos capitalistas existentes.<sup>4</sup>

Um ponto importante na realidade brasileira é a existência de diferentes formas de coordenação política dessas organizações,<sup>5</sup> capazes de constituir, ao longo dos últimos anos, diferentes formas institucionalização. No ano de 2002, foi criado o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES), e em seu primeiro encontro, ainda nesse mesmo ano, foi decidida a criação dos Fóruns Estaduais de Economia Solidária.

É possível pensar a economia solidária como um movimento social,<sup>6</sup> pois é no interior dos fóruns que se busca legitimar o campo da economia solidária, influenciando os planos de construção de políticas públicas, vinculadas às necessidades de incentivo público dessas iniciativas. Esse processo de legitimação frente ao Estado resultou na criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES).<sup>7</sup>

Assim, dada a importância do tema na realidade brasileira, propomos no presente artigo, uma análise antropológica das representações acerca das noções e das práticas que são identificadas como de “economia solidária”. Desta forma, defendemos uma abordagem que privilegie a problematização da dimensão empírica referente aos usos e sentidos da noção “economia solidária”.

Nosso estudo se dividirá em duas frentes de pesquisa, que compreendem a formação de duas categorias analíticas. Essas categorias servirão para diferenciar de onde partem os discursos, tratados como níveis distintos de *representação*,<sup>8</sup> seguindo a construção metodológica de Malinowski.<sup>9</sup>

Para reconstruir a crença dos Kiriwineses nos espíritos dos mortos, Malinowski deverá contar com o que eles dizem e com o que eles fazem. No primeiro caso são as opiniões que ele vai chamar de “populares” ou gerais; depois, as opiniões dos especialistas e, finalmente, as especulações e comentários de informantes “mais capazes e inteligentes”. No segundo, a observação de determinados costumes e ritos públicos, a conduta dos nativos durante as cerimônias e os comportamentos motivados pelas crenças. Como se verá, o peso de cada uma das fontes de informação, para efeitos da reconstituição das crenças, será diferente.<sup>10</sup>

Assim, buscaremos conduzir inicialmente os diferentes fragmentos de representação para, posteriormente, hierarquizá-los e distingui-los, objetivando identificar como é pensada “economia solidária”, identificando quais os elementos comuns existentes nesses dois níveis ou, parafraseando Malinowski,<sup>11</sup> identificando nosso “eixo de crenças”.

A primeira categoria chamada “especialistas engajados” reúne dois dos mais importantes autores, Jean Lavelle e Paul Singer. Percorreremos suas obras, identificando suas construções valorativas, analisando esses dados com base nos conceitos de *ideologia*.<sup>12</sup> Essa categoria nos informará: *o que dizem sobre economia solidária*.<sup>13</sup> Já nossa segunda categoria chamada de “práticas cooperativas” reúne os dados obtidos em uma pesquisa etnográfica realizada em duas cooperativas, a Coopercostura e a Coopunis. Esses

reencarnar-se nas atuais pesquisas. In: CARDOSO, Ruth (Org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

<sup>9</sup> MALINOWSKI, B. *Baloma: los espíritus de los muertos em las islas Trobriand*. In: MALINOWSKI, B. *Magia, ciência, religión*. Barcelona: Ariel, 1974.

<sup>10</sup> MAGNANI, 1986, p. 130.

<sup>11</sup> MALINOWSKI, 1974.

<sup>12</sup> DUMONT, Louis. *Homo aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica*. São Paulo: EDUSC, 2000.

<sup>13</sup> É importante esclarecer que essa separação entre os que dizem e os que fazem economia solidária relaciona-se com o uso do conceito “economia solidária”. Pois reconhecemos a atuação prática dos intelectuais e acadêmicos e a existência de teorizações por parte dos trabalhadores cooperativos. Mas ao mesmo tempo, são os cooperados que vivem da economia solidária, enquanto os intelectuais e acadêmicos estudam e propõem suas definições.

<sup>4</sup> SINGER, 2002.

<sup>5</sup> Sobre as definições das organizações que fazem parte da economia solidária, ver SINGER, 2002.

<sup>6</sup> LAVILLE, Jean-Louis. *Ação Pública e economia: um quadro de análise*. In: FRANÇA FILHO, G. C.; LAVILLE, J.; MEDEIROS, A.; MAGNEN, J. (Orgs.) *Ação pública e economia solidária: uma perspectiva internacional*. Salvador: UFBA; Porto Alegre: UFRGS, 2006.

<sup>7</sup> A Secretaria Nacional de Economia solidária foi criada no primeiro mandato do Presidente da República Luis Inácio Lula da Silva. Esta secretaria está subordinada ao Ministério do Trabalho e Emprego.

<sup>8</sup> MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Discursos de representação ou como os baloma de Kiriwana podem*

dados nos informam: *como se faz economia solidária*. Baseamos nossa análise nos conceitos: *casa e rua, indivíduo e pessoa*<sup>14</sup> e *identidade*.<sup>15</sup>

Analisar as diferentes formas de dar sentido ao conceito nos permitirá propor um entendimento sobre o que é economia solidária para sujeitos advindos de contextos distintos. Propomos, portanto, uma reflexão sobre o conceito, formado historicamente, criado e recriado em diferentes espaços, não sendo tratado com instrumento de análise, mas como objeto deste estudo antropológico.

### O que dizem sobre economia solidária: “Especialistas engajados”

*Como reconhecer o que é social e o que não é social em cada texto? A resposta encontra-se, a princípio, na relação entre os diferentes textos. Pode ocorrer que eles se copiem mutuamente ou, ao contrário, que eles não tenham nada em comum. No conjunto, entretanto, há representações fundamentais, configurações que são comuns a um grande número deles.*

(Louis Dumont)

A “economia solidária”, tomada como expressão, pode ser definida como um conjunto de projetos e práticas heterogêneas. Porém, essa expressão não define seu caráter econômico e não oferece uma explicação em si.<sup>16</sup> “Economia solidária é uma expressão conceitual ‘em disputa’. Aqueles que defendem a utilização da expressão não coincidem no seu sentido”.<sup>17</sup>

Se pensarmos que por trás da formulação conceitual que pretendem os idealizadores da “economia solidária”, o termo “solidário” carregaria uma tentativa de inserir um valor moral nessa definição. É possível, portanto, apontar que a origem deste conceito reflete uma tentativa de

diferenciação em relação ao conceito econômico tradicional.<sup>18</sup> Seguindo esse raciocínio, é possível discutir essa noção em termos valorativos.

Utilizaremos agora artigos e capítulos de livros produzidos por Paul Singer<sup>19</sup> e Jean Laville,<sup>20</sup> que nos servirão para captar a noção “economia solidária” presente em cada proposta.<sup>21</sup> Essas obras serão apresentadas como fontes de informação que nos permitem o acesso a esse nível de representação conceitual. Apresentaremos agora os valores capazes de definir em cada proposta, o que é “economia solidária”. Esse processo de análise nos permitirá ao final, captar o elemento ideológico comum, presente nas propostas desses dois autores conceituais.

<sup>18</sup> LAVILLE, Jean. Definiciones e instituciones de la economía. In: CORRAGIO, J. L. (Org.). *Qué es lo económico?* materiales para un debate necesario contra el fatalismo. Buenos Aires: Ciccus, 2009.

<sup>19</sup> SINGER, Paul. Economia solidária, um modo de produção e distribuição. In: SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de (Orgs.). *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto, 2000; SINGER, Paul. Economia dos setores populares: propostas e desafios. In: KRAYCHETE, Gabriel et al. (Orgs.). *Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Capina; Salvador: CESE/UCSAL, 2000; SINGER, Paul. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: SANTOS, B. de S. (Org.). *Produzir para viver*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b. p. 81-129; SINGER, Paul. Economia solidária. In: CATTANI, A. D. (Org.). *A outra economia*. Porto Alegre: Veraz, 2003. p. 116-125; SINGER, Paul. As grandes questões do trabalho no Brasil e a economia solidária. *Proposta*, n. 97, jul./ago. 2003b; SINGER, Paul. Prefácio Um olhar diferente sobre a Economia solidária. In: FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho; LAVILLE, Jean-Louis (Orgs.). *A economia solidária: uma abordagem internacional*. Porto Alegre: UFRGS, 2004; SINGER, Paul. Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário. *Estudos avançados*, n. 18, 2004.

<sup>20</sup> LAVILLE, Jean. Fato associativo e economia solidária. *Análise & Dados*, Salvador, v. 12 n. 1 p. 25-34, 2002; LAVILLE, Jean. Do século 19 ao século 21: permanência e transformações da solidariedade em economia. *Revista Katálizis*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 20-42, jan./jun, 2008; FRANÇA FILHO; LAVILLE, 2004; LAVILLE 2006.

<sup>21</sup> Cabe ressaltar que o presente trabalho possui algumas limitações. Não pretendemos esgotar todas as obras e todos os escritos produzidos pelos autores e nem dar conta das transformações ocorridas com suas propostas conceituais ao longo do tempo. Reconhecemos esse campo como em constante transformação, um campo vivo de disputas e de lutas pela legitimação das propostas.

<sup>14</sup> DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>15</sup> DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

<sup>16</sup> LECHAT, Nöelle M. P. *Trajelórias intelectuais e o campo da economia solidária no Brasil*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2004.

<sup>17</sup> CRUZ, Antônio. *A diferença da igualdade: a dinâmica da economia solidária em quatro cidades do Mercosul*. (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia, Unicamp, Campinas, 2006.

De um lado, há a figura de Paul Singer, um economista que parte principalmente de bases teóricas marxistas, colocando a capacidade revolucionária na economia solidária como característica primeira. Singer constrói sua proposta de economia solidária em clara oposição aos valores capitalistas. Ele apresenta uma concepção de economia com capacidade de **superação do modelo econômico vigente**.<sup>22</sup> Os valores apresentados em sua concepção servem como **provas de uma superioridade na concepção de economia solidária** em relação à economia capitalista.

Os valores centrais que orientam a proposta de Singer são: **trabalho solidário, autogestão solidária, socialização, liberdade, igualdade, vantagem competitiva, modo de distribuição solidário, alternativa superior, aprendizado, experiência libertadora, democracia, caráter revolucionário, revolução individual, ajuda aos desfavorecidos**.

Essa lista de valores, existentes na proposta de Singer, demonstra a sua visão de economia solidária como um processo, capaz de consolidar uma superação, uma visão utópica para a sociedade.

Já Laville critica a construção do conceito “economia” segundo os teóricos neoclássicos. Ele afirma a existência de diferentes princípios e utiliza a sua proposta de economia solidária para demonstrar a existência de espaços que além de existirem **diferentes princípios econômicos** em equilíbrio, possuiriam potencial para a construção de **novos espaços de interação social**.

Os valores centrais que orientam sua proposta são: **laços comunitários, solidariedade, construção coletiva, democracia, democratização da economia, engajamento cidadão, economia plural, autonomia, democracia, pluralidade, sociabilidade, espaço público**.

Ao analisar essas duas propostas conceituais, é possível perceber que muitos valores utilizados pelos autores, coexistem em suas propostas, tais

como: **autogestão, autonomia, solidariedade, igualdade, democracia, liberdade**. Porém, o que os diferencia é a capacidade que esses valores possuem de se confrontarem ou se inserirem na realidade.

Quando comparamos as propostas conceituais, é possível revelar os “elementos implícitos da ideologia”.<sup>23</sup> A análise dessas propostas aponta para construções ideológicas comuns, existentes na ordenação e hierarquização de alguns valores. A economia é resultado de uma construção social, e para entender em que ela consiste e buscar a sua essência, é necessário procurá-la “na relação entre o pensamento econômico e a ideologia global, ou seja, no lugar do econômico na configuração ideológica geral”.<sup>24</sup>

Assim, quando os dois autores constroem seus conceitos de economia solidária, mesmo que apresentem tentativas de inclusão ou articulação das dimensões moral e política, a economia permanece ainda como uma categoria descolada do tecido social. Desta forma, é possível apontar que o indivíduo constitui valor principal da ideologia moderna:

“Não é difícil perceber por trás das palavras “liberdade” e “igualdade” o substrato, a valorização do indivíduo. O mesmo procedimento ocorre na maior parte do tempo: somente os predicados são expressos, Não os sujeitos. Conseguimos pôr em evidência este último, no caso presente, isolando o indivíduo como valor.”<sup>25</sup>

No plano conceitual, é possível perceber, nas propostas de Paul Singer e Jean Laville, a busca pela construção de novas práticas econômicas, orientadas por valores, mas que independente da sua capacidade de superar o modelo econômico vigente, mantêm o **indivíduo** como valor principal.

Esse indivíduo não é mais concebido como individualista e egoísta, seguindo a concepção do *homo-economicus*.<sup>26</sup> Na atual proposta da economia solidária, existiria uma concepção de “indivíduo

<sup>23</sup> DUMONT, 2000.

<sup>24</sup> DUMONT, 2000.

<sup>25</sup> DUMONT, 2000

<sup>26</sup> SMITH, Adam. *Lectures on justice, police, revenue and arms*. New York: Kelley & Millman, 1896.

<sup>22</sup> Deste ponto em diante, todos os grifos são nossos e objetivam destacar os elementos valorativos identificados nos discursos dos informantes.

solidário”. Ou seja, os valores “liberdade” e “igualdade” permanecem, mas agora somados a valores que fazem referência à solidariedade.

[...] A emergência de uma “representação coletiva” no sentido de uma relação ou de um conjunto de relações. Quer essas relações apareçam freqüentemente, quer esclareçam outras relações ou representações, constituem, segundo todas as aparências, uma manifestação particular – que pode ser inicial para nós – de um fenômeno verdadeiramente ideológico.<sup>27</sup>

Essa questão do “indivíduo” constitui exatamente nosso ponto de reflexão para pensar a realidade brasileira. Assim, essa primeira dimensão de representação nos permite acessar as construções conceituais, captar os valores inseridos em duas propostas conceituais, que servirão de parâmetro para enxergar as práticas cooperativas. Além disso, permite-nos perceber que existe uma concepção de “indivíduo” comum nas propostas conceituais, e esse dado constituirá um dos principais elementos para a construção das análises que virão a seguir.

### **O que dizem sobre economia solidária: “Práticas Cooperativas”**

Buscamos nesta seção apresentar um relato etnográfico, que serviu de base para uma análise dos usos e sentidos conferidos a noção “economia solidária”, por trabalhadores de duas cooperativas. Esse estudo apresentará uma concepção analítica, que permite privilegiar o ponto de vista dos sujeitos inseridos na prática de trabalho, identificando o que eles entendem por “economia solidária”.

As propostas conceituais dos “especialistas engajados” servirão como fontes de inspiração, tratando as falas dos cooperados como uma dimensão de representação da economia solidária, nos quais os diferentes valores existentes nas propostas dos “especialistas engajados” podem ser acionados em diferentes contextos.

Duas cooperativas foram escolhidas para a pesquisa de campo. A Coopercostura e a Coopunis possuem contextos sociais distintos, além de

habitarem o mesmo prédio,<sup>28</sup> localizado no centro de Porto Alegre, ambas as cooperativas possuem uma ligação distinta com a noção “economia solidária”.

A Cooperativa de Trabalho em Costura – Coopercostura – possui vinte membros, dos quais dezesseis trabalham em casa e quatro trabalham diretamente na cooperativa. Totalizam dezenove mulheres e um homem. A cooperativa surgiu de um anúncio de jornal, convocando mulheres da região para fundarem uma cooperativa. O que inicialmente era para ser uma falsa cooperativa se constituiu como cooperativa. Trabalham principalmente nas demandas do setor estatal: produção de bolsas para eventos políticos, vestimentas para prática de esportes comunitários, etc. Ela foi classificada no último Mapeamento Nacional de Economia Solidária<sup>29</sup> como fazendo parte desta categoria. Assim, essa primeira cooperativa é vista como de economia solidária.

Já a Cooperativa dos Universitários Solidários – Coopunis – possui 37 membros, que totalizam 22 mulheres e 15 homens. Ela surgiu da organização de professores e universitários recém-formados, que objetivaram construir uma cooperativa para oferecer oportunidade de trabalho na sua área de formação e construir um espaço democrático de convivência. Essa cooperativa trabalha principalmente na busca por editais públicos de projetos sociais, culturais, profissionalizantes, seminários, feiras, formações, etc. Objetiva com esses editais oferecer emprego aos seus membros e a inserção na realidade social. A própria cooperativa leva a palavra solidária em seu nome, resultado de sucessivos debates entre seus membros.

Essas cooperativas, além dos problemas financeiros existentes, possuem grandes

<sup>28</sup> O prédio era anteriormente ocupado pela OCERGS, que posteriormente abandonou o espaço e cedeu alguns andares para a ocupação. Além das duas cooperativas, existem também outras organizações ligadas ao cooperativismo e à economia solidária.

<sup>29</sup> Realizada no mês de março de 2010 pelo SENAES, objetiva atualizar os dados que compõem o novo Mapeamento Nacional de Economia Solidária. Dados disponíveis no Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (SIES) em: <http://www.sies.mte.gov.br>.

<sup>27</sup> DUMONT, 2000.

dificuldades de manter o vínculo dos seus membros com a organização. Durante o levantamento de entrevistas e do convívio diários nesses dois espaços, identifiquei a existência de conflitos que refletem a constante construção do que é “ser um cooperado”. Aqui, retomamos os conceitos de *indivíduo* e *pessoa* e de *casa* e *rua*<sup>30</sup> para pensar essas questões.

Durante a pesquisa etnográfica, foi possível captar no discurso dos cooperados desses dois espaços cooperativos suas falas e acompanhar seu cotidiano de trabalho. Essas informações revelam como esses trabalhadores entendem o espaço cooperativo. Existe um discurso comum, no qual opõe o trabalho cooperativo em relação à experiência anterior de trabalho assalariada. Quando esses cooperados distinguem o que é trabalhar “**fora**” e como é trabalhar “**dentro**” da cooperativa, e em ambos os espaços são relatados laços de amizade e compadrio. Identificamos inicialmente o uso recorrente de valores morais em seus discursos, que apontam para uma forma de conceber o espaço como “leituras pelo ângulo da casa [que] ressaltam a pessoa. São discursos arrematadores de processos ou situações. Sua intensidade emocional é alta. Aqui, a emoção é englobadora, confundindo-se com o espaço social”.<sup>31</sup>

Essa dualidade existente entre o **aqui dentro** e o **lá fora**, com relações de **amizade** e **parentesco**, permite-nos utilizar como parâmetro a construção de *casa e rua*,<sup>32</sup> que constituem esferas de significação social que “fazem mais do que separar contextos e configurar atitudes. É que eles contêm visões de mundo ou éticas particulares”.<sup>33</sup>

É nesse ponto que essa nossa dimensão de representação apresenta um dado relevante, pois nos permite compreender as tensões existentes nas construções do “ser cooperativado”. Partimos da ideia de que esses valores, mais do que colocados em oposição, ocupam diferentes lugares, constituem mais do que oposições, eles constituem hierarquias. Assim, o que essa dimensão de

representação nos mostra é que essa construção de indivíduos identificada nas propostas dos “especialistas engajados” entra em choque com a prevalência do um olhar valorativo de pessoa existente na visão dos trabalhadores cooperativos.

Contudo, a dimensão de classe pode ser percebida também nos processos de construção de identidade. O interesse de conhecer esses processos se faz importante, frente à diferenciação acentuada das experiências de trabalho desses grupos específicos. Neste estudo, a concepção de identidade nos será útil na proposição de identificar alguns elementos mais cristalizados na dimensão das “práticas cooperativas”. Utilizaremos a concepção de *identidade valorativa*,<sup>34</sup> para dar conta dos elementos existentes na prática cooperativa.

[...] Permite-nos ascender a um nível analítico privilegiado para a compreensão não só das coisas fundamentais dessa cultura (porque se refere necessariamente à sua concepção de pessoa), como do modo pelo qual se retrata e articula a referida relação com os mecanismos sociológicos e culturais dominantes nas sociedades permeadas pelo “individualismo” de que fazem parte.<sup>35</sup>

Durante as entrevistas e observações do cotidiano dessas duas realidades cooperativas, captamos elementos identitários que nos informam sobre os elementos valorativos presentes no discurso desses trabalhadores. Existe uma relação aberta de oposição entre as duas cooperativas, a Coopercostura e a Coopunis possuem uma relação conflituosa, que em um primeiro contato, indicava ser resultado de atitudes pontuais.<sup>36</sup> Porém, após análise mais detalhada foram identificados elementos mais complexos relacionados a essa postura.

A Coopunis figura como uma cooperativa de prestação de serviços. Seus membros não têm na cooperativa sua principal forma de sustento, assim eles possuem interesses diversos e difusos relacionado a esse vínculo cooperativo. Existe um

<sup>30</sup> DAMATTA, 1997.

<sup>31</sup> DAMATTA, 1997.

<sup>32</sup> DAMATTA, 1997.

<sup>33</sup> DAMATTA, 1997, p. 47.

<sup>34</sup> DUARTE, 1986.

<sup>35</sup> DUARTE, 1986, p. 13.

<sup>36</sup> Tais como: deixar a chave pendurada em um barbante, deixar a porta principal aberta, não pagar as taxas de condomínio, de não ajudar as demais cooperativas.

número muito reduzido de membros que vivenciam cotidianamente esse espaço.

Durante as entrevistas, reuniões e falas cotidianas desses cooperados, foram identificados alguns valores referentes ao seu entendimento sobre “economia solidária”. Esses valores foram acionados em diferentes momentos e por inúmeras vezes, tais como: **novo comportamento solidário, uma outra economia, outra solidariedade, não superar o capitalismo, não existe competição, solidariedade, organização de pequenos grupos, montar novos tipos de empreendimentos, ajudar os menos desfavorecidos, sociedade socialista, superar o capitalismo, experiência democrática, libertação, autogestão.**

Com base nesses valores, acionados por diversos cooperados no cotidiano da cooperativa, é possível identificar diferentes concepções do que é “economia solidária”. Esses valores acionados nos remetem as construções conceituais de Jean Laville e de Paul Singer.

Como não é possível aqui relatar todas as variações e nuances existentes nas falas deste e dos demais cooperados que habitam esse espaço, é possível afirmar que existem diferentes concepções de “economia solidária”. Eles variam de contexto, os valores acionados são identificados em um contexto com um autor específico, em outros momentos misturam valores existentes em diferentes propostas conceituais dos “especialistas engajados”. Porém, todas essas concepções e sentidos frente ao trabalho acionam valores identificados nas construções conceituais e apontam para a existência de identidades de “economia solidária”.

Já o caso da Coopercostura, boa parte dos membros encontra na cooperativa sua única fonte de renda. A ligação entre cooperativa e trabalho é elemento comum em seus discursos. Além disso, outro elemento comum em suas falas é a negação dos valores cooperativos e de “economia solidária”. Para os membros desta cooperativa, quando o assunto é solidariedade, cooperativismo e o relacionamento com outras cooperativas, as respostas começavam sempre por “Tu sabe qual é

o problema disso” (Cooperado L) ou “Não guri, isso não existe...” (Cooperada J).

Os valores comuns acionados no discurso dos seus membros, seja no cotidiano de trabalho, seja em conversas e entrevistas, podem ser listados da seguinte forma: **egoísmo, individualismo, empresa privada e cooperativa é a mesma coisa, todo mundo é capitalista, cooperativa não ajuda cooperativa, solidariedade não existe, tudo é interesse, cooperativismo é o mesmo que política... não dá certo, tudo é dinheiro, isso é só teoria.**

Nessa passagem, evidenciam-se alguns valores acionados com objetivo de construir uma negação frente aos valores presentes nas concepções de “economia solidária”. É comum nos discursos dos quatro cooperados da Coopercostura a diferenciação entre “uma coisa é a teoria, outra é a prática”. Assim, o cooperativismo e a economia solidária são de ordem da teoria, na ordem prática dominaria o capitalismo. Além disso, é construída uma grade valorativa por parte destes cooperados, na qual os valores: políticos, de economia solidária, de solidariedade e de cooperativismo só existem no discurso, na ordem da fala. Segundo uma cooperada, “é só bla-bla-blá... na hora de fazer, não sabem como” (Cooperada J).

Não seria possível, segundo essa cooperada, identificar diferenças na ordem prática entre uma empresa tradicional e uma cooperativa. Essa construção identitária configura uma clara oposição a proposta de economia solidária. Recorremos à proposta de Paul Singer para deixar mais clara essa constatação.

Na proposta de Singer, as dimensões política, democrática e participativa constituem alguns dos elementos centrais para uma construção coletiva de economia solidária.<sup>37</sup> A proposta revolucionária de Singer, na qual o modo de produção solidário permitiria a superação do modo de produção capitalista, revelando a possibilidade de construção de outra economia é tomada aqui como fonte de inspiração. Tomamos como referência a proposta de Singer para pensar a fala dessa cooperada, e identificaremos um processo de negação dos

<sup>37</sup> SINGER, 2002.

valores de “economia solidária” existentes em Singer.

A análise dessas duas realidades nos permite captar os sentidos conferidos a esta noção e ao mesmo tempo identificar alguns elementos identitários identificados em suas falas. O conflito existente entre os cooperados desses dois espaços nos permitiu captar suas visões sobre o si e sobre os outros, revelando múltiplas concepções, que nos permitiu identificar diferentes “economias solidárias” em seus discursos. Identificamos elementos identitários opostos, que muito nos dizem sobre as relações entre cooperativas.

### Considerações finais

O presente artigo analisou como são estruturados os valores que conferem sentido a noção “economia solidária” em distintos espaços de expressão. Essas diferentes formas de pensar e conferir sentido ao que denominam “economia solidária” revela como são concebidas as construções ideológicas, apresentando suas estruturas de pensamento e suas estratégias de legitimação em diferentes níveis de representação. É importante destacar que as lutas travadas na ordem conceitual coexistem na prática cooperativa, mas em outros termos, nos quais as cooperativas podem ter divergências de ordem ideológica e lutar para construir essa diferenciação em seu cotidiano.

A busca pelos elementos valorativos comuns nessas duas dimensões, ou seja, o nosso “eixo de crenças” valorativas que conecta as questões teóricas com as questões práticas nos possibilitou apontar para algumas pistas que nos ajudam a entender como é pensado o espaço cooperativo. A identificação de *pessoas* que ali trabalham apresenta um dado novo, para problematizar a dimensão das “práticas cooperativas”. Mais do que identificar elementos ideológicos conflitantes, esse trabalho nos permite apontar para alguns traços identitários desses trabalhadores.

Assim, este artigo pretende expandir os horizontes analíticos, abrir caminho para que outros estudos utilizem o conceito “economia solidária” como fontes de sentidos, problematizando o que é “economia solidária” para quem vive e trabalha em um espaço cooperativo.

[Recebido em: setembro 2010 e  
aceito em: outubro 2010]